FINANCIAMENTO COLETIVO À PEÇA "HAMLET FACE À MORTE - ÚLTIMO ATO"

Foto: Divulgação.

O *Grupo Tempo* de teatro já apresentou sua versão do *Hamlet* de Shakespeare em vários locais do Estado, como Limeira, São Caetano do Sul e Campinas. Em Campinas podem-se destacar as apresentações que fizeram no *Teatro SESI Amoreiras* (14/09/2014) e no *Teatro Castro Mendes* (15/11/2014), com platéias cheias e diversos elogios. Porém, como todo trabalho, é preciso melhorar e, para isso, farão uma apresentação em praça pública virtual para finalizar sua versão do *Hamlet* ("Hamlet face à morte – Último ato"). Para este último ato, que terá várias melhorias em relação às apresentações anteriores, eles contam com contribuições/doações via *Catarse*, que é um projeto de financiamento coletivo. Participar contribuindo traz benefícios para o próprio contribuinte, que podem ser vistos no link do projeto: **https://www.catarse.me/hamletfaceamorte**

O projeto visa uma profissionalização da peça, a fim de, por exemplo, "aprimorar a qualidade da produção do espetáculo", com uma obra de arte clássica que traz reflexões fundamentais da existência, como amor e morte.

A respeito da dinâmica do projeto, o Grupo Tempo diz:

> *Assim como o nosso cenário provisório foi construído com arrecadações colhidas em praça pública, em troca de poemas e cenas de William Shakespeare, o Grupo Tempo se apresenta agora na praça pública virtual, para finalizar* ***HAMLET face à morte****.*

Abaixo colocamos um resumo deste projeto e do trabalho, por considerarmos um projeto qualitativo em termos culturais, o que condiz com o ideário do *Instituto de Formação e Educação (IFE).* Aos que contribuírem e forem assistir desejamos desde já uma boa peça!

> *O Grupo Tempo é uma companhia teatral fundada e coordenada por Roberto Mallet há mais de duas décadas, à qual, no início de 2014, uniu-se um grupo de 7 jovens atores, recém-egressos do curso de Artes Cênicas da Universidade Estadual de Campinas.Com a colaboração (e sob a direção) de Mario Santana, o grupo mantém 2 espetáculos em cartaz – dois monólogos de Roberto Mallet: "Lições de Abismo", uma adaptação do romance homônimo de Gustavo Corção, e "Auto-escola de arte dramática GREGORIO", uma introdução à arte teatral com Mallet e Gregorio, seu clown.*
>
> *Agora, em parceria com o músico e diretor musical Marcelo Onofri, o grupo parte para mais uma montagem, diferente de suas anteriores por lançar-se ao desafio de adaptar um dos maiores clássicos da literatura ocidental: "HAMLET face à morte" é uma versão do imortal texto shakespeariano, contado por nós, uma trupe de atores que acompanha seu mestre. Para conseguir os recursos necessários para a finalização da produção do espetáculo, o Grupo Tempo recorreu ao site de financiamento coletivo catarse.me, e pede o apoio de todos que desejem contribuir com a arte e a cultura e que confiem no nosso trabalho. Faltam só 5 dias para o fim*

do prazo do projeto, e se não atingirmos a meta, todo o dinheiro será devolvido aos doadores e não ficaremos com nada.

Conheça o nosso trabalho, e contribua conosco, participando do último ato de HAMLET face à morte!

https://www.catarse.me/hamletfaceamorte

Hamlet e o desconcerto do mundo (por Renato Jose de Moraes)

Introdução

Dentre todas as peças de Shakespeare, *Hamlet* ocupa um posto singular: é provavelmente a mais representativa, a que suscitou as mais diversas interpretações e, principalmente, a mais admirada e amada. Ao terminar de lê-la, ficamos com a sensação de termos saído de um mundo amplo e complexo, no qual ainda há muito que explorar e conhecer. Como sugere Harold Bloom, utilizando uma expressão que se encontra na própria peça, trata-se de um *poema ilimitado* pela sua riqueza e qualidade.

Na evolução da arte de Shakespeare, *Hamlet* representa o ponto de inflexão. Sem dúvida, antes já havia escrito obras imperecíveis, como *Romeu e Julieta*, *Henrique V*, as duas partes do *Henrique IV*, *Noite de Reis*, *Sonho de uma noite de verão*, e um longo etc. No entanto, *Hamlet* representa um salto em relação a tudo o que o dramaturgo inglês havia produzido até então, e ele manterá esse nível em algumas das suas obras posteriores

Hamlet e a saudável "incoerência"

A grandeza de *Hamlet* é algo que certos críticos têm dificuldade em explicar, apesar de a maior parte deles a reconhecer sem maiores dificuldades. No entanto, T.S. Eliot considera-a "certamente um fracasso artístico. [...] De todas as peças, é a mais longa e possivelmente aquela em que Shakespeare empregou maiores esforços; mesmo assim, porém, deixou nela cenas supérfluas e inconsistentes, que mesmo uma revisão apressada perceberia".

A afirmação de que Shakespeare trabalhou intensamente para escrever *Hamlet* é sustentada também por W.H. Auden, que vê nisso um sinal de certa insatisfação criativa. Esse esforço de composição é corroborado pela existência de no mínimo três, e talvez quatro, versões diferentes da obra. A primeira teria sido perdida, e alguns estudiosos a denominam *ur-Hamlet*, datando-a do início da carreira teatral de Shakespeare. A segunda – e a primeira a chegar até nós – é a chamada *First Quarto*, lançada descuidadamente e, provavelmente, sem autorização ou revisão do autor. A terceira, que é uma correção e ampliação do *First Quarto*, é o *Second Quarto*, publicado oficialmente pela companhia teatral de Shakespeare enquanto este ainda vivia. Finalmente, temos a versão que consta

no *First Folio*, volume organizado postumamente por alguns amigos do autor e que recolheu quase todas as suas peças.

Apesar de todo o trabalho que consumiu, a peça teria, sempre segundo Eliot, várias imperfeições e "cenas supérfluas e inconsistentes". No mesmo sentido, Auden acrescenta que o drama está "cheio de lacunas, tanto na ação quanto na motivação". Não é fácil contradizer dois críticos que são, ao mesmo tempo, dois dos maiores poetas de língua inglesa dos últimos cem anos. Mas, então, como explicar a sedução que *Hamlet* exerce há tantos séculos sobre os estudiosos e amantes da literatura? Se é uma peça cheia de equívocos e inconsistências, por que se tornou o trabalho mais estudado e admirado de Shakespeare?

Em certo sentido, Eliot e Auden evidentemente estão certos ao sustentar que a obra tem lacunas e cenas "supérfluas". Mas cabe aqui perguntar: qual é o problema disso? Esse tipo de "falhas" não é exclusivo de Shakespeare nem de *Hamlet*, e é encontrado em outras obras consagradas da literatura universal. Um dos mais reconhecidos estudiosos de Cervantes, Martín de Riquer, escreve que o *Dom Quixote* apresenta alguns defeitos, frutos todos eles da precipitação com que certos capítulos parecem ter sido escritos. Por sua vez, dentre as obras de Dostoievski, a sua preferida por muito tempo foi *O idiota*; no entanto, a espontaneidade narrativa e o caráter fortuito da ação fazem "desse romance a mais desorganizada das obras mais longas do autor e a mais difícil de analisar a partir de alguma perspectiva unificada".

A crítica de Eliot chega a ser paradoxal quando nos lembramos da sua "poética do fragmento", característica de várias de suas obras mais bem conseguidas. Ele mesmo dizia que freqüentemente escrevia poemas em separado e só depois via a possibilidade de fundi-los em um conjunto, perfazendo uma espécie de todo. Ora, *Hamlet* parece ter sido escrito, em boa parte, exatamente dessa maneira. Isso explica os diversos monólogos e situações da peça que, em um primeiro momento, podem parecer não ter relação direta entre si ou serem mesmo dispensáveis, mas que, em conjunto, formam um todo fortemente impressionante.

Ademais, Shakespeare utilizava de maneira habitual materiais previamente publicados por outros autores para servir de base para seus enredos. Esse método pode gerar "incoerências", pois neste caso o enredo se origina de uma narrativa que será bastante modificada antes de atingir a forma final, mas é inegável que quase sempre funcionou extremamente bem. Concretamente, Shakespeare empregou, para produzir *Hamlet*, a história do príncipe dinamarquês Amleth, redigida no século XII por Saxo Grammaticus, no livro *Historiae Danicae*, e que deve ter chegado ao conhecimento do nosso autor por meio da versão de François de Beelforest, em *Histories tragiques* (1570). Provavelmente também foi influenciado pela *Tragédia espanhola*, de Thomas Kid, um drama de vingança hoje praticamente esquecido. Essa mistura pode gerar dificuldades e certos desencaixes, mas tudo isso acaba por enriquecer e tornar mais verdadeiro o drama teatral.

A vitalidade de *Hamlet* está em que espelha a realidade humana, cheia de inconsistências, incoerências, ações impensadas e coincidências inesperadas. Como escreveu Samuel Johnson, as peças shakespearianas "exibem o estado real da natureza sublunar, que tem partes de bem e de mal, alegria e tristeza, misturadas em uma infinita variedade de proporção e inumeráveis modos de combinação". Não existe nenhuma vida humana absolutamente coerente e racional, e as obras literárias que tentaram ser "científicas" na composição da sua trama e na construção das personagens foram todas elas "certamente um fracasso artístico".

Evidentemente, a arte sempre passa por uma técnica e exige certa coerência, mas esta não deve ser *bigger than life*, sob pena de chegar a algo artificial, sem força nem impacto. Como lembrava Chesterton, "se algum ato humano pode *grosso modo* ser considerado sem causa, trata-se sem dúvida de um ato menor de um homem cordato: assobiar enquanto passeia, golpear o capim com uma bengala, bater os calcanhares no chão ou esfregar as mãos. [...] São exatamente essas ações despreocupadas e sem causa que o louco jamais conseguiria entender; pois o louco (como o determinista) em geral enxerga causas demais em tudo". Shakespeare não era louco, e por isso foi capaz de escrever situações e cenas "inúteis" que, ao mesmo tempo, estão carregadas de sentido humano.

O mergulho profundo na realidade

A questão crucial de *Hamlet*, que gera mais controvérsias entre os críticos e leitores, é a apresentada por Harold Bloom: "Como caracterizar a melancolia de Hamlet nos primeiros quatro atos, e como explicar a superação da mesma, no quinto ato, em que Hamlet alcança posicionamento tão singular?"

A melancolia de Hamlet, em um primeiro momento, parece ter sido causada pelos eventos que nos são narrados no início da peça: seu pai havia morrido poucas semanas antes; sua mãe viúva, a rainha Gertrudes, tinha-se casado rapidamente com Cláudio, irmão do rei morto e agora seu sucessor na coroa; pouco depois, o fantasma do falecido rei aparece a Hamlet, contando-lhe que fora assassinado por Cláudio e clamando para que o filho o vingue. De fato, é preciso reconhecer que não lhe faltavam motivos para estar deprimido...

No entanto, na crítica já citada do *Hamlet*, T.S. Eliot sustenta que a personagem principal é dominada por uma emoção inexprimível, por ser *um excesso* em relação aos fatos que aconteceram. Realmente, o príncipe não está desgostoso apenas com sua mãe, o rei usurpador e alguns membros da corte dinamarquesa; o seu sentimento derrama-se sobre toda a existência. Apesar dos motivos que a justificam, há nela algo de cósmico, superior aos eventos que a causaram.

Eliot considera essa inadequação entre os sentimentos de Hamlet e os fatos que os geraram uma falta que compromete o valor artístico da peça. Sem concordar com ele, Bloom sustenta que "logo constatamos que o príncipe transcende a peça. [...] Algo em Hamlet parece exigir (e fornecer) evidências relacionadas a esferas que estão além dos nossos sentidos". O crítico americano está certo em dizer que Hamlet transcende a peça, mas não repara que isso acontece porque transcende o mundo. Este é um dos pontos centrais: Hamlet teve um choque de realidade, sofreu um "mergulho profundo" na existência, e passou a ter uma visão diferente de tudo o que o cercava. Viu mais do que a maioria das pessoas jamais fará, e por isso fica como que fora do mundo, observando-o de um ponto de vista privilegiado, até parecendo louco para muitos dos que o rodeiam.

Aqueles que conversam ou ouvem o príncipe, apesar de perplexos com as suas afirmações, percebem que estas são de alguém com inteligência penetrante. Em determinado momento da ação, o rei Cláudio comenta:

Nem o que disse, embora um pouco estranho,

Parecia loucura. Há qualquer coisa

Na qual se escuda essa melancolia,

E eu prevejo que, abertas as comportas,

Venha o perigo [iii].

Por sua vez, Polônio pensa em voz alta sobre Hamlet:

"*Como suas respostas são perspicazes. É uma felicidade que a loucura alcança, às vezes, e que a razão e a sanidade não têm a sorte de encontrar*".

Uma série de monólogos e diálogos de Hamlet denotam sua inteligência e sagacidade, bem como a tristeza, que podemos chamar de "metafísica", que inunda a sua alma. Por exemplo, um diálogo com Polônio, a respeito da recepção a alguns atores que chegaram a Elsinore:

"Pol.: Senhor, tratá-los-ei de acordo com o seu merecimento.

"*Ham.: Pelo amor de Deus, homem, muito melhor! Tratai cada homem segundo seu merecimento, e quem escapará à chibata?*"

Diz a Ofélia, a quem ainda ama, palavras que mostram um conhecimento superior de si mesmo e da espécie humana:

"Entra para um convento: por que desejarias conceber pecadores? Eu próprio sou passavelmente honesto; mas poderia acusar a mim mesmo de tais coisas, que seria melhor que minha mãe não me tivesse concebido: sou muito orgulhoso, vingativo, ambicioso; com mais erros ao meu alcance do que pensamentos para expressá-los, imaginação para dar-lhes forma ou tempo para cometê-los. O que podem fazer sujeitos como eu a arrastar-se entre o céu e a terra? Somos todos uns rematados velhacos; não acredito em nenhum de nós. Entra para um convento".

No mesmo sentido, abre-se com dois companheiros, mostrando que sua insatisfação, além de ser com o Homem, é com todas as coisas que o rodeiam:

"*Ultimamente – não sei por quê – perdi toda a alegria, desprezei todo o hábito dos exercícios, e, realmente, tudo pesa tanto na minha disposição que este grande cenário, a terra, me parece agora um promontório estéril; este magnífico dossel, o ar, vede, este belo e flutuante firmamento, este teto majestoso, ornado de ouro e flama – não me parece mais que uma repulsiva e pestilenta congregação de vapores. Que obra de arte é o homem! Como é nobre na razão! Como é infinito em faculdades! Na forma e no movimento, como é expressivo e admirável! Na ação, é como um anjo! Em inteligência, é como um Deus! A beleza do mundo! O paradigma dos animais! E, no entanto, para mim, o que é esta quintessência do pó?*"

O problema por que certos estudiosos não conseguem compreender a "melancolia" de Hamlet está na falta de conceitos sobre a "noite escura" da alma, a tristeza decorrente de observar a fugacidade, limitação e defeito de tudo o que existe sob o sol. Nas concepções meramente psicanalíticas e materialistas da existência, não há maneira de compreender a sede de infinito, a busca de plenitude que está na alma de cada ser humano, e, conseqüentemente, entender a dor causada pela insatisfação com as coisas criadas. Trata-se de uma crise propriamente espiritual, que não pode ser simplesmente curada com alguns medicamentos ou mediante a ficção de que não existe.

O príncipe dinamarquês, através das decepções com a conduta da mãe e do tio, é
levado a uma nova percepção da realidade que transcende os eventos concretos que a causaram. Essa transformação é narrada com muita freqüência por poetas, pensadores e religiosos; na verdade, é parte integrante da experiência humana. Hamlet parece estar tomado pelo mesmo estado espírito que levou Camões a escrever em "Sobre o desconcerto do mundo":

Quem pode ser no mundo tão quieto,

ou quem terá tão livre o pensamento,

quem tão exprimentado e tão discreto,

tão fora, enfim, de humano entendimento

que, ou com público efeito, ou com secreto,

lhe não revolva e espante o sentimento,

deixando-lhe o juízo quase incerto,

ver e notar do mundo o desconcerto?

Daí a impropriedade de considerar que o príncipe esteja melancólico, ou que seu estado de espírito seja fora de proporção com os fatos presentes na peça, ou ainda que seja um cético. Hamlet sofre porque os fundamentos do seu mundo foram revirados, e percebe que não eram sólidos nem íntegros, como antes os considerava. Percebe que praticamente nada do que conhece pode alegrá-lo, pois tudo é manchado e finito.

A superação da angústia

Procuramos responder a primeira parte da questão de Harold Bloom, isto é, o motivo da "melancolia" de Hamlet nos quatro primeiros atos da peça. Agora, será mais fácil entender como a superou no Quinto Ato.

Antes de tudo, é importante verificar que o príncipe não deixa de agir mesmo quando está envolvido nas suas trevas interiores. Ao contrário do que ocorreria com alguém simplesmente depressivo, Hamlet procura saber se a visão do fantasma é verdadeira e se deve executar a vingança de que foi encarregado. Além disso, precisa agir com toda a cautela, pois Cláudio é considerado rei legítimo pela população e pela corte, e sua pessoa é sagrada.

Por meio de expedientes engenhosos, certifica-se da culpa do usurpador e da veracidade das palavras do espectro. Consegue, com sensatez e o auxílio da Fortuna, sobreviver a um plano traiçoeiro de levá-lo à morte. No decorrer da ação, Hamlet vai amadurecendo para sua missão, que não é uma mera vingança, mas a purificação de toda a Dinamarca, especialmente dos cortesãos e nobres que o rodeiam. Essa purificação virá pela morte e pela tragédia, mas será levada a cabo de maneira admirável.

Ao analisar tudo o que lhe ocorrera até então, de modo principal a fuga da morte que lhe havia sido preparada, Hamlet se reconhece levado pela Providência divina de um modo

irrefletido,

E a irreflexão me seja abençoada,

Pois nossa insensatez nos vale às vezes,

Quando falham os planos bem pensados,

Para ensinar-nos que há um deus guiando

Nosso fim, seja nosso embora o início.

Apesar de saber que poderá morrer, o príncipe enfrenta seu destino. Percebe que o rei preparou-lhe uma nova cilada, mas não foge dela; antes, utiliza-a para cumprir seu papel. Antes de ir para o duelo no qual terminará por morrer traiçoeiramente – não sem antes eliminar o monarca usurpador e assassino –, quando pressente que seu fim pode estar próximo, Hamlet tem um importante diálogo com seu amigo Horácio:

"Hor.: Se o teu espírito rejeita alguma coisa, obedece-lhe; eu evitarei que venham para cá, dizendo que não estás disposto.

"Ham.: De modo algum; nós desafiamos o agouro; há uma providência especial na queda de um pardal. Se tiver que ser agora, não está para vir; se não estiver para vir, será agora; e se não for agora, mesmo assim virá. O estar pronto é tudo: se ninguém conhece aquilo que aqui deixa, que importa deixá-lo um pouco antes? Seja o que for!"

O príncipe dinamarquês não venceu propriamente a melancolia (porque não a tinha!), mas sua crise interior terminou com uma visão equilibrada e profunda da realidade, na qual tudo está em seu devido lugar. A percepção da fugacidade, maldade e fragilidade das realidades criadas é verdadeira, mas não esgota toda a verdade; há um bem por trás de tudo, uma providência e um sentido que a tudo regem. Quem consegue passar pela "imersão radical" na realidade sem se deixar levar pelo desespero, termina por adquirir uma sabedoria mais completa. Essa sabedoria leva a que Hamlet chegue ao final e faça o que deve fazer.

São verdadeiras as divertidas e profundas palavras de Chesterton sobre o príncipe: "Se Hamlet efetivamente tivesse sido um cético, não haveria a tragédia de Hamlet. Se tivesse tido qualquer ceticismo de que lançar mão, poderia tê-lo usado desde o princípio com relação ao fantasma altamente improvável do seu pai. Poderia ter considerado aquela figura eloqüente uma alucinação ou alguma outra coisa sem significado, ter-se casado com Ofélia e continuado a comer pão com manteiga. Se Hamlet fosse um cético, teria tido uma vida fácil. […] Mas ele era o oposto total de um cético. Era um pensador".

Conclusão

Hamlet é uma peça que sempre desafia e empolga. Os caminhos para abordá-la são inúmeros: é possível entendê-la como um drama político ou uma lição a respeito das relações entre os sexos, ou ainda uma análise meramente psicológica de alguns personagens exemplarmente construídos. Contudo, é necessário lembrar sempre que essas análises parciais são incapazes de compreender a peça em toda a sua profundidade.

Assim, a melhor abordagem de *Hamlet*, e de todas grandes obras literárias, será habitualmente a filosófica e, mais ainda, a teológica, que engloba todos os aspectos da vida humana. Shakespeare trata da condição humana em toda a sua radicalidade, sem admitir escapismos ou compromissos. Não há nada errado em estudá-lo a partir de uma ciência particular, como a psicologia, a política, ou mesmo a ética. Entretanto, apenas a filosofia e a teologia têm a amplitude necessária para compreender melhor o que um autor da sua categoria nos quer dizer.

A crise espiritual de Hamlet, tão bem construída por Shakespeare, é uma constante na vida dos seres humanos que aceitam a profundidade da vida. A superação dessa crise leva à ação purificadora, que terminará causando a morte do protagonista. No entanto, para Shakespeare e seus contemporâneos, a morte não era o pior nem o fim de tudo. A vida de Hamlet encontra sua plenitude no momento em que ele aceita sua morte por um motivo maior.

Hamlet e outras obras do seu nível nos lembram o que é ser humano, em toda a sua fragilidade e grandeza. Esse é um motivo mais que suficiente para que a continuemos lendo e aprofundando o que ela nos ensina.

***Renato José de Moraes** é Mestre pela Faculdade de Direito da USP e professor do Instituto Internacional de Ciências Sociais (IICS).*

Texto publicado na revista-livro do Instituto de Formação e Educação (IFE), *Dicta&Contradicta*, Edição nº 1, Jun/2008. Disponível [online] no link: http://www.dicta.com.br/edicoes/edicao-1/hamlet-e-o-desconcerto-do-mundo/

Teatro: "Hamlet face à morte" no Teatro Castro Mendes no próximo sábado, 15/11

O **Grupo Tempo** de teatro – do qual Roberto Mallet, o palestrante do último seminário IFE/ACL, é membro – apresentará a peça "**Hamlet face à morte**" no Teatro Castro Mendes de Campinas-SP. Segundo a página do Grupo Tempo no Facebook, "HOJE [11/11/14] COMEÇA a distribuição de ingressos para 'HAMLET face à morte', que apresentaremos no Festival de Artes SAE/UNICAMP do dia 15/11, sábado, às 20h, no Teatro Castro Mendes. Lembrando que, a partir de hoje, você pode retirar seu INGRESSO GRATUITO na bilheteria do Teatro Castro Mendes, das 16h às 21h, ou pode retirá-lo no próprio sábado, 15, se ainda houver remanescentes."

O endereço do Teatro Castro Mendes é R. Conselheiro Gomide, 62, Vila Industrial, Campinas-SP. Telefone (19) 3272-9359. O horário de funcionamento das bilheterias é de 3ª a domingo, das 16:00h às 21:00h.

O release do Grupo Tempo para esta peça é o seguinte:

Sobre a peça "**Hamlet face à morte**":

A Dinamarca de *Hamlet* não parece ser muito diferente do cenário cultural em que vivemos hoje, em que conceitos opacos à luz do sentido e reflexões sem vigor fazem de todos nós covardes, ou razoavelmente honestos: nem tão virtuosos e nem tão vis. Por isso a história do nobre príncipe dinamarquês ainda tem muito a nos ensinar, não nos deixando esquecer o necessário embate com nossa própria condição, o ser no mundo e a única certeza que podemos ter em vida: a morte. Os atores vão à cena como Horácio, assumindo a tarefa de lembrar a todos a história do homem que questionou a própria existência, e com ela, nossa natureza e mortalidade. Pela perspectiva do teatro como isca da mentira, convenção, buscam atrair a carpa da verdade – uma verdade sobre o homem e seu destino final incontornável. Em *Hamlet face à morte*, é a própria morte quem brada: "Lembra-te de mim!".

Sobre o **Grupo Tempo**:

O Grupo Tempo, fundado em setembro de 1992 sob a direção de Roberto Mallet, constrói seus espetáculos aliando o rigor técnico a formas poéticas que, apesar de sua sofisticação, são acessíveis ao público contemporâneo, recusando toda espécie de hermetismo e vanguardismo. Colocando no centro de seu teatro o homem e sua ação no mundo, sua poética tem por matéria a própria ação do ator, gerando metáforas e símbolos que não surgem de maneira direta, ilustrativamente, mas encarnados na própria tessitura da cena. Além das 8 montagens realizadas ao longo desses 22 anos, vem mantendo uma constante reflexão sobre teatro, arte e filosofia, promovendo cursos e seminários, além de oferecer textos para estudo em seu site na internet, www.grupotempo.com.br.

Tags: Financiamento coletivo, Hamlet, Shakespeare, Teatro,

Fonte: IFE Campinas. Disponível em:
http://ife.org.br/financiamento-coletivo-a-peca-hamlet-face-a-morte-ultimo-ato/